

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Monstruadas: anormais que sangram na Literatura Infantojuvenil

Michelle Brugnera Cruz Cechin, Thainan Piuco, Maura Jeisper Fernandes Vieira , Cristianne
Maria Famer da Rocha

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8364>

Submetido em: 2024-04-01

Postado em: 2024-04-01 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Monstruadas: anormais que sangram na Literatura Infantojuvenil

Monstruadas: bleeding freaks in children's literature

Monstruadas: anormales que sangran em la Literatura Infantojuvenil

Michelle Brugnera Cruz Cechin¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3276-473X>

mibrugnera@gmail.com

Thainan Piuco²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7232-3907>

piucothainan@gmail.com

Maura Jeisper Fernandes Vieira³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7590-9903>

maurajeisper@gmail.com

Cristianne Maria Famer da Rocha⁴

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3281-2911>

rcristianne@gmail.com

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar a criação discursiva de monstras menstruais na literatura infantojuvenil. Nos valem do neologismo *menstrunormatividade*, proposto por Josefin Persdotter (2020) para definir os sistemas discursivos que diferenciam a menstruação normal e saudável, da menstruação anormal e patologizada. Analisamos três obras que abordam a menstruação e a constituição discursiva de monstras menstruais, como aquelas que se desviam das *menstrunormatividades*. Encontramos quatro discursos: o imperativo de menstruar e tornar-se mulher; a menstruação como um estado alterado da normalidade; a menstruação como um

encontro com a “natureza selvagem feminina”; a menstruação como morte. As narrativas ensinam que a insurgência aos sistemas normativos da menstruação resulta na produção de subjetividades consideradas alterizadas.

Palavras-chave: menstruação; *menstrunormatividade*; monstros menstruais; literatura infantojuvenil.

Abstract: The aim of this study is to analyze the discursive creation of menstrual monsters in children's literature. We used the neologism *menstrunormativity*, proposed by Josefin Persdotter (2020) to define the discursive systems that differentiate normal, healthy menstruation from abnormal, pathologized menstruation. We analyzed three works that deal with menstruation and the discursive constitution of menstrual monsters, as those who deviate from *menstrunormativity*. We found four discourses: the imperative to menstruate and become a woman; menstruation as an altered state of normality; menstruation as an encounter with "wild feminine nature"; menstruation as death. The narratives show that insurgency against the normative systems of menstruation results in the production of subjectivities that are considered altered.

Keywords: menstruation; *menstrunormativity*; menstrual monsters; children's literature.

Resumen: El objetivo de este estudio es analizar la creación discursiva de monstruos menstruales en la literatura infantil. Utilizamos el neologismo *menstrunormativdad*, propuesto por Josefin Persdotter (2020) para definir los sistemas discursivos que diferencian la menstruación normal y saludable de la menstruación anormal y patologizada. Analizamos tres obras que abordan la menstruación y la constitución discursiva de monstruos menstruales, como aquellos que se desvían de las *menstrunormativdades*. Encontramos cuatro discursos: el imperativo de menstruar y convertirse en mujer; la menstruación como estado alterado de normalidad; la menstruación como encuentro con la "naturaleza salvaje femenina"; la menstruación como muerte. Las narrativas muestran que la insurgencia contra los sistemas normativos de la menstruación tiene como resultado la producción de subjetividades que se consideran alteradas.

Palabras-clave: menstruación; *menstrunormativdad*; monstruos menstruales; literatura infantojuvenil.

Introdução

Fera selvagem, descontrolada e frenética; propensa a ataques de fúria, crises de choro, inchaço por retenção de líquidos, sanguinolenta, malcheirosa e voraz por doces, especialmente chocolates, com tendências ao isolamento social, improdutividade e crises de identidade; um ser monstruoso, alterizado e marginalizado do reino do normal. Estes parecem ser muitos dos modos como se narram as pessoas que menstruam¹. Os discursos médicos dominantes estratificam a experiência menstrual e posicionam algumas subjetividades menstruais como ideais; enquanto outras, são consideradas insalubres, repugnantes, anormais e monstruosas (Josefin Persdotter, 2020), as *monstruadas*.

Nesta pesquisa, olhamos para as monstruosidades criadas pelos discursos sobre menstruação e nos valemos do neologismo *menstrunormatividade*, proposto por Josefin Persdotter (2020), criado para definir o sistema discursivo que diferencia a menstruação normal e saudável, da menstruação anormal e patologizada. Trata-se de um conjunto de discursos biomédicos, estatísticos e científicos que definem uma menstruação idealizada, postulam determinados modos de ser, se comportar e vivenciar a menstruação como melhores do que outros.

Menstrunormatividades são as verdades menstruais perpetradas por diferentes discursos que postulam modos de menstruar e cuidar do ciclo como normais, ideais saudáveis e moralmente superiores em contrapartida a outros modos, considerados abjetos, patológicos e moralmente inferiores (PERSDOTTER, 2020). A autora se inspira no conceito de heteronormatividade (Moya LLOYD, 2016; Larissa PELUCIO, 2009), que supõe a relação heterossexual como o padrão normal, saudável e moralmente superior, categorizando orientações sexuais diferentes como patológicas, anormais e imorais (PERSDOTTER, 2020).

Trata-se de tendência recente da literatura infantojuvenil a apresentação de novos modos de abordar a menstruação, a partir das narrativas dos anormais que menstruam e dos discursos *menstrunormativos* que os sustentam. Interpretamos que o interesse do mercado editorial por estes temas está relacionado com a apropriação de temáticas consideradas tabus, como a desigualdade social, as deficiências, as doenças, a morte, o abuso sexual e a menstruação, por exemplo (Teresa COLOMER, 2003; Rosa Maria Hessel da SILVEIRA, Bruna Rocha SILVEIRA, 2016).

¹ Compreendemos que nem todas as pessoas que menstruam são mulheres e nem todas as mulheres menstruam (Chris BOBEL *et al.*, 2020). Assim, para abarcarmos o público que menstrua, utilizamos a expressão “pessoas que menstruam”. Utilizamos os substantivos mulher e menina, bem como adjetivos e artigos femininos, para nos referirmos às personagens dos livros analisados, apresentadas como meninas e mulheres. Utilizamos também o termo “mulher” quando tratamos das análises da autora Silvia Federici e de Michel Foucault.

É dentro destes estudos que foi elaborado o presente artigo, cujo objetivo é analisar a criação das monstras menstruais pelas *menstrunormatividades* em três livros de literatura infantojuvenil, publicados entre 2016 a 2023 no mercado editorial brasileiro, que apresentam o tema da menstruação em seu enredo: *Meninas* (Ziraldo Alves PINTO, 2016), *A Origem do Mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva versus o patriarcado* (Liv STRÖMQUIST, 2018), *Loba* (Roberta MALTA, 2023). Utilizamos como método a análise de discurso de inspiração foucaultiana (Michel FOUCAULT, 2010). Perscrutamos como estas três obras apresentam quatro discursos constituidores de *menstrunormatividades*: o discurso da menstruação como marca do tornar-se mulher; os discursos biomédicos sobre menstruação como um estado alterado da normalidade; os discursos de “essência feminina” dos ativismos menstruais; os discursos de morte e repouso criativo, todos criadores de monstros menstruais, os desviantes destes discursos.

Monstras Menstruais: o que tem a nos ensinar?

Os monstros permeiam o imaginário popular desde a sua ascensão na literatura gótica no século XIX. *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, da autora inglesa Mary Shelley (2019), inaugurou o estilo literário e é usado como um representante dos monstros menstruais produzidos pelas *menstrunormatividades* (PERSDOTTER, 2020). O monstro que Dr. Vitor Frankenstein cria em seu laboratório, acaba por atacá-lo e aterrorizar a cidade, criando vida própria, desejos e comportamentos agressivos incontroláveis e passou a integrar o imaginário monstruoso da época, inspirando outras obras. A obra passou a integrar o imaginário monstruoso da época, inspirando outras obras como *Drácula*, de Bram Stoker (2018) e *O Médico e o Monstro: o estranho caso de Dr. Jeckyll e Mr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson (2017). Foi atribuído ao monstro do Dr. Frankenstein sentido de metáfora da menstruação por diferentes estudiosas da menstruação, como Janice Delaney, Mary Jane Lupton, Emily Toth (1988), que viam nas cartas escritas pelo capitão Robert Walson, do enredo do romance, para sua irmã enquanto ele está a comando do navio em uma expedição náutica, descrições de ser o anormal desviante. O conteúdo das cartas é interpretado como o horror às descrições da menstruação pela, então, recém inaugurada Ginecologia Moderna, também criação deste mesmo século, por narrativas desumanizantes das pessoas que menstruam (Janice DELANEY; Mary Jane LUPTON; Emily TOTH, 1988; STRÖMQUIST, 2018).

A pedagogia dos monstros proposta por Tomás Tadeu da Silva (2000) nos ensina que o monstro é uma criatura cultural, gerada nas relações discursivas que o constituem. Olhar para o monstro, é olhar para as pedagogias culturais que o sustenta.

A “pedagogia dos monstros” recorre aos monstros para mostrar que o processo de formação da subjetividade é muito mais complicado do que nos fazem crer os pressupostos sobre o “sujeito” que constituem o núcleo das teorias pedagógica críticas ou não. (Tomaz Tadeu da SILVA, 2000, p. 19)

Os monstros representam aqueles que são desumanizados, bestializados, alterizados pelos discursos científicos e médicos do início do século XIX, com suas influências na teoria das raças e no racismo científico (DELANEY, LUPTON, TOTH, 1988; STRÖMQUIST, 2018). Para James Donald (2000) o monstro representa a identidade humana ameaçada pelo avanço da biomedicina, pela manipulação genética, pelo avanço das neurociências, que colocam à prova os limites daquilo que se entende por “natureza humana”, como os personagens monstruosos das histórias, que se situam nos limites do humano/desumano.

Posteriormente, a figura do monstro passou a ser utilizada em narrativas do outro que causa repulsa, para legitimar determinadas subjetividades, determinados modos de ser em consonância de outros, pressupõe "a necessidade de um Outro que possa definir os termos e os limites da identidade" (James DONALD, 2000, p. 112); contudo, não um outro qualquer, não é necessário um outro radicalmente alterado, “mas sim o que conhecemos e que, ao mesmo tempo, nos parece estranho”, como afirma Rosângela Soares (2000). Todos os seres abjetos, incompreensíveis, que escapam, tornam-se os serem monstruosos de diferentes discursos, que causam pânico, medo, ojeriza. Assim, nos perguntamos quais monstruosidades são produzidas nas narrativas sobre a menstruação?

Para sustentar o discurso da menstruação idealizada, é preciso narrar, nomear e representar os modos não normais da menstruação, apontar para os seus desviantes, marca-los como inferiores, desumanizá-los, bestializá-los (PERSDOTTER, 2020). Assim, surgem os seres monstruosos que menstruam, aquelas que não menstruam do modo correto postulado por narrativas hegemônicas. Não por acaso, o termo “monstra” é usado como sinônimo para menstruação, especialmente pelas “tentantes”, pessoas que desejam engravidar. A “monstra” é chamada assim, por ser indesejável, a oposição da gestação, a antítese da maternagem (Januária Monteiro MENEGOTTO, 2022). O discurso do anormal, segundo Michel Foucault (2010), que

marca determinados modos de existência como abjetos, precisa ser produzido para que o discurso do normal seja legitimado.

O monstro, como símbolo, tem sido usado com muita eficácia para discutir formas reprodutivas menstruais e não conformes de personificação feminina. Em uma sociedade em que ser homem cisgênero é considerado a norma, as pessoas que menstruam são um sinal de diferença, é monstruosa. Seu útero sanguinolento é colocado em um lugar de sujeira, e fonte de temor, como patológico, e a menstruação é, como em parte do debate sobre a supressão menstrual, posicionada como doença, não-natural e como poluição, assim, todas as pessoas que menstruam são os monstros menstruais. Com estes discursos, o ideal normativo é não sangrar, sangrar é ser o outro. Deste modo, a menstruação é um acontecimento impeditivo à feminilidade, aos ideais modernos e ao dócil e controlável corpo. (PERSDOTTER, 2020, p. 363, tradução nossa).

Narrativas biomédicas hegemônicas, compostas por regras, definições, estatísticas, prescrições, que formam um conjunto de discursos sobre a menstruação ideal, saudável, e normal, são um exemplo de discurso que produzem verdades sobre a menstruação. Michel Foucault (2010) afirma que as subjetividades são tecidas por discursos, e os sujeitos dependem da existência prévia de posições discursivas por meio das quais se compreende o mundo (FOUCAULT, 2010). As diferentes narrativas menstruais, marginalizam muitas pessoas que menstruam, marcando-as como o outro desviante nas *menstrunormatividades*.

Persdotter (2020) analisa a criação discursiva dos monstros menstruais, ou seja, todos aqueles considerados anormais e desviantes da menstruação saudável, isto é, as pessoas que não são *menstrunormativas*.

Menstruar significa ser afetada por uma conjunção múltipla de normatividades e, às vezes, conflitantes, ideias biomédicas de normalidades menstruais, “fluxo normal” da indústria de produtos de higiene femininos, ideais patriarcais de homem como norma, ideais feministas de “conversa menstrual” como emancipatórias, etc. Quando vemos todas essas normatividades trabalhando juntas, eu argumento que a norma menstrual é uma miragem; não há norma menstrual, há apenas uma abundância de monstros menstruais (2020, p. 363, tradução nossa).

A autora argumenta que elas funcionam de maneira complexa e em narrativas conflitantes, criando espaços de luta entre os diferentes discursos sobre menstruação, com as seguintes premissas:

(1) que as normatividades funcionam de maneiras agrupadas, complexas e contraditórias, (2) o conjunto de normatividades que cercam a menstruação produz uma subjetividade ideal impossível (o *menstruador* imaginário), que permite que sejamos todas, na verdade, *monstros menstruais*, que (3) as normatividades são *continuamente* coproduzidas por cada *um* e por todas *as coisas*, o que significa que somos todos, sempre, culpados por criar normatividades (e monstros) e, por último, (4) por nos abraçarmos (nós, estudiosos, ativistas, varejistas, *menstruadoras*, feministas, pais, crianças), tanto como Doutor Frankenstein quanto como monstros, carregamos um potencial significativo: produzir mais possibilidades de vidas possíveis tanto para o contra-movimento menstrual (que pode ver a si mesmo e aos outros com mais nuances e imaginar companheiros cada vez mais estranhos) quanto para os *menstruadores* (que conseguem imaginar mais formas de ser uma pessoa que menstrua, e se sentir menos mal com sua inevitável monstruosidade menstrual). (PERSDOTTER, 2020, p. 358, tradução nossa).

Em seguida, analisamos algumas destas narrativas que produzem discursivamente as anormais que menstruam, que chamamos neste artigo de monstros menstruais, as *monstruadas*.

As Anormais que Sangram

As três obras a seguir analisadas trazem a ideia da menstruação como um encontro com a alteridade, um estranhamento transformador, que causa incômodos e gera relações desiguais de gênero.

A Monstra que vira Mocinha

O livro *Meninas*, escrito por Ziraldo Alves Pinto (2016), é uma obra poética sobre ser menina, crescer, brincar de boneca, fazer amigas, reais ou imaginárias, viver as alegrias e tristezas do crescimento. Na capa, há uma ilustração que mostra diversas meninas com idades diferentes, apresentando a ideia de crescimento e passagem do tempo. O autor afirma que o tempo da menina dura “quatro verões” (PINTO, 2016, p. 4) e celebra esta breve fase fazendo alusão à

obra *Alice no País das Maravilhas* (Lewis CARROL, 2002). A menstruação é narrada como um rio, que separa a história da menina de um enredo vindouro.

De repente,
Como se não soubesse
que as coisas acontecem
quando a espera finge
que não vai acontecer,
menina salta um rio,
que esquece
seu lado da margem.
nasce aí outro tempo.
Velhos poetas
e antigos trovadores
sabiam como chamar
o novo ser que nascia.
Tem um nome que devia
sem o hífen ser escrito.
Ia ficar mais sonoro.
Ia ficar mais bonito:
meninamoça!
Mas isso é
Uma outra história. (PINTO, 2016, p.42)

Uma gota vermelha, que sugere o sangue menstrual, ilustra este trecho da obra. A ideia de que a menarca marca o fim da infância e a menina se torna mulher, ou “mocinha”, ou “meninamoça”, como afirma o autor, é um dos discursos das *menstrunormatividades* ao associar a menstruação ao fato de ser e tornar-se mulher. Tais discursos, colocam a saúde e a vida de muitas meninas em risco. Alma Gottlieb (2020); Thomas Buckley; Alma Gottlieb (1988); Janice Delaney, Mary Jane Lupton, Emily Toth (1988); Niva Piran (2020) e Musu Bakoto Sawo (2020) mostram que o discurso *menstrunormativo* de tornar-se mulher ao menstruar sustenta práticas que transformam a vida de muitas meninas em diferentes culturas, colocando-as em risco, pois as chances de sofrerem violência ou serem forçadas a casar precocemente e a gerar filhos aumenta com a primeira menstruação, ao serem consideradas mulheres.

Narrativas autobiográficas de ex-noivas infantis, como as de Musu Bakoto Sawo (2020), natural do Gâmbia, denunciam estas práticas. A autora narra que escondeu a sua menarca e os seus primeiros ciclos menstruais, para tentar se livrar de propostas de casamento precoce, até ser descoberta sua menstruação, nos seus 14 anos de idade, sendo, então, obrigada a se casar e a abandonar a escola para cumprir com os deveres de esposa e dona de casa. Musu conseguiu se libertar da sua condição e lutar pelo direito das meninas a não se casarem precocemente, evitando que sejam obrigadas a saírem de seus lares de origem e a abandonarem a vida escolar (SAWO, 2020).

Januária Monteiro Menegotto (2022) analisou as narrativas de seis meninas pré-adolescentes e adolescentes da periferia da cidade de Porto Alegre, nas quais, em narrativas da menarca, estas meninas expressaram o quando o discurso de “tornar-se mocinha”, expressão comumente utilizada na região sul do Brasil, soou como um peso cultural de se tornar mulher, o peso do “discurso hegemônico patriarcal cis-heteronormativo, que carrega uma série de dispositivos de controle e de vigilância sobre os corpos de meninas e mulheres” (p. 6). As imposições discursivas de deixar de ser menina e ter que crescer. Meninas não deixam de ser meninas por menstruarem, nem se tornam mulheres por menstruarem.

Em outro trecho da obra, Pinto (2016) apresenta a menina se encontrando com a Rainha de Copas, a rainha má do país das maravilhas:

Menina

quando acha que tem razão
ou mesmo quando não acha
tem os pezinhos no chão.

“Porque eu nasci assim”,
ela afirma, categórica.

Mas até que é divertido
(quando não é com você)
vê-la lutar, com denodo,
por aquilo que ela crê.

E tem lá sua beleza
saber que a menina é
uma força da natureza
(quando descobre que é).

Até que ela é valente quando precisa provar
que tem coragem bastante

para derrubar uma rainha
cheia de fúria e maldade que
vive em seus pesadelos.
é bom ter essa coragem
pra na hora de acordar
sonhar que tudo é verdade. (PINTO, 2016, p.37)

Inicialmente, podemos relatar que a metáfora da luta contra uma rainha cruel que habita seus pesadelos simboliza as batalhas enfrentadas no mundo real, onde a coragem e a resiliência são necessárias para superar adversidades e “todos os males atribuídos ao feminino” (Zordan, 2005, p.1). A Rainha de Copas pode ser vista como uma personificação das normas sociais patriarcais que buscam controlar e disciplinar os corpos femininos, reprimindo a expressão da sexualidade e da individualidade. No âmbito da menstruação, cabe salientar que essa é muitas vezes é retratada como suja, vergonhosa ou até mesmo perigosa, contribuindo para o tabu e o silenciamento em torno desse aspecto natural do ciclo de vida das mulheres. Ao confrontar a Rainha de Copas, a menina menstruada está desafiando ativamente essas narrativas e rejeitando os estereótipos de gênero que buscam diminuir sua dignidade e autonomia. A menina está reivindicando seu direito de existir plenamente como uma pessoa completa, além das limitações impostas pelo patriarcado e pela cultura dominante. Todavia, nos interessa também pensar o *locus* que essa Rainha de Copas é inserida e o papel que ela exerce no imaginário social.

A Rainha de Copas, apresentada como rainha má, faz alusão à madrasta, à bruxa dos contos de fadas. Para Zordan, 2005 “a bruxa serviu como função pedagógica de cunho moralizador durante os séculos em que a Igreja focou a doutrina cristã no combate ao mal, inimigo personificado como o demônio, o adversário de Deus, Satanás” (p.3) e esse modelo de mulher insubmissa, louca, má e demoníaca é muito parecida com as descrições da mulher no período pré-menstrual. Para Sally King (2020), os sintomas pré-menstruais foram descritos, em 1931, sob o “mito da mulher irracional”, em que a biologia feminina seria a causadora de patologias emocionais, caracterizada pela reduzida da capacidade de as mulheres raciocinarem, sendo mais suscetíveis ao descontrole emocional e comportamento impulsivo.

O conceito de “histeria”, de Sydenham (KING, 2020), foi inspirado em conceitos filosóficos e teológicos anteriores, como os de Platão, Aristóteles e Santo Agostinho (NEUMANN, 2000), de que as mulheres seriam física, intelectual e espiritualmente inferiores aos homens, devido à natureza bestializada do seu corpo. Posteriormente, com o advento da Ginecologia Moderna, a causa da irracionalidade feminina foi atribuída ao hormônio estrogênio, que causaria “crises

emocionais nas mulheres” (KING, 2020). Atualmente, as descrições da Tensão Pré-menstrual (TPM) têm enfoque predominantemente psicológico, ou psicossomático, arraigadas ao imaginário da mulher descontrolada, desviante, desobediente, rebelde, indisciplinada, perigosa e instável emocionalmente.

Segundo Paola Zordan (2005), as bruxas retratadas em contos de fadas, livros e filmes infantis é a idosa, vestida de negro, má e conhecedora de feitiços perigosos e poderosos, ou a rainha má poderosa, a madrasta cruel, que maltrata meninas indefesas:

Cunhada dentro do cristianismo, a figura das bruxas traduzia-se em mulheres devoradoras e perversas, que matavam recém-nascidos, comiam carne humana, participavam de orgias, transformavam-se em animais, tinham relações íntimas com demônios, e entregavam sua alma ao diabo. Uma análise da farta literatura sobre o assunto nos mostra que a caracterização da bruxa que vigorou durante a Inquisição, ressoando até os dias de hoje constitui-se como um dos elementos mais perversos produzidos na sociedade patriarcal do Ocidente (ZORDAN, 2005, p. 332)

As bruxas foram associadas às mulheres do século XIV, que resistiram ao poder vigente e sofreram muitos modos de violência, por desafiarem os discursos hegemônicos da época e ousarem viver de modo distinto dos prescritos pelo poder dominante (ZORDAN, 2005). Ela é o resultado da construção de um imaginário desumanizante e de narrativas de bestialização de determinados modos de ser mulher, considerados menos puros, normais e corretos, fazendo com que as bruxas fossem perseguidas, violentadas, torturadas e assassinadas.

Para Zordan (2005) como “senhora dos descontroles, a bruxa guarda, sob os panos, truques que servem para confundir, embaçar e atrapalhar a razão, fazer com que os cursos do pensamento sejam deslocados (p.8). Esta desobediência feminina foi punida pela violação de seus corpos, amparadas por narrativas que as associavam à insubordinação, irracionalidade, maldade, bestialidade e monstrosidade (Silvia FEDERICI, 2019a; 2019b; Zordan, 2005). Não é por acaso que as figuras da bruxa, da feiticeira, da madrasta e da rainha má estejam associadas às características dos sintomas pré-menstruais, à figura da mulher insurgente, histérica e irracional das descrições biomédicas, tal como são descritas e narradas as bruxas.

O Médico e a Monstra

A mulher desviante é descrita também pelas *menstrunormatividades* biomédicas. Na história em quadrinhos *A Origem do Mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva versus o patriarcado*, de Liv Strömquist (2018), a menstruação é apresentada em um discurso sarcástico, como um evento histórico que causou medo, estranhamento e uma curiosidade obsessiva de diversos homens. A autora explora as narrativas da vulva e da menstruação em diversas manifestações culturais, como em esculturas, obras de arte, discursos biomédicos, fotografias, apresentações artísticas, contos e histórias, entre outros. Ao tratar das *menstrunormatividades* biomédicas, Strömquist (2018) apresenta a história de Saatjie Baartman, uma mulher escravizada, do povo Khoisan, pelo médico Alexander Dunlop, e que foi levada a Londres e exposta em uma jaula, para apresentações públicas de diversão, por apresentar nádegas e quadris largos, vulva e lábios grandes, características fenotípicas das mulheres de Khoisan.

Ela era uma sul-africana do povo Khoisan, que, no início do século XIX, foi vendida como escrava para o médico de navio Alexander Dunlop e levada a Londres. Em Londres, Dunlop pôs Baartman em exposição, obrando a entrada. Um fator de forte atração pública foi que Baartman estava praticamente nua e era promovida como a “vênus vênus hetentote”. O público comparecia em grande número, e o foco da exposição era o que consideravam ser a “bunda grande” e os “pequenos lábios graúdos” de Baartman. Depois de protestos antiescravistas contra a exposição, ela foi foçada a fechar, e Baartman foi vendida para a França, onde continuou a ser exposta ao público mais ou menos da mesma forma. (STRÖMQUIST, 2018, p. 23, destaques da autora)

Saatjie Baartman foi capturada e tratada como uma monstra menstrual, por meio de discursos biomédicos, definida como um ser inferior, ligada à natureza bestializada, exótica, anormal e assustadora. Posteriormente, Baartman foi exposta na França, em encontros científicos para estudos de seu corpo, que era minuciosamente explorado, tocado por anatomistas, paleontólogos e zoologistas, inclusive por Georges Cuvier, paleontólogo e teórico do chamado racismo científico. Mesmo após sua morte, aos 24 anos, o corpo de Saartjie não foi esquecido, sua vulva e cérebro foram preservados e mantidos em exposição no *Museu do Homem* (MENEGOTTO, 2022). Saartjie foi usada para a criação do monstro menstrual dos discursos biomédicos, definido como um ser inferior, ligado à natureza bestializada, exótica, anormal e assustadora:

Com 26 anos, Baartman morreu de uma febre. NO MESMO INSTANTE que Cuvier soube da morte de Baartman, ele correu direto para o local. Dentro de 48 horas, ele tinha feito um molde de gesso do corpo de Baartman, dissecado as partes que mais lhe interessavam, além de ter CONSERVADO a vulva e o cérebro de Baartman em álcool!!! Contando dezesseis páginas, seu laudo da autópsia contém nada menos que NOVE PÁGINAS tratando da vulva de Baartman – o que se compara a UMA FRASE sobre seu cérebro. Mas por que Georges Cuvier estava tão LOUCAMENTE obcecado pela vulva de Baartman? Pois bem, isso estava ligado a outro grande interesse de Cuvier: o racismo científico. Cuvier quis usar a vulva de Baartman como prova da suposta inferioridade das pessoas negras. Ele era da opinião de que pequenos lábios de tamanho grande eram um sinal de ‘sexualidade animal’. Sua tese era que nas mulheres civilizadas, (i. e. as mulheres brancas), os lábios da vulva tinham diminuído com a evolução. Por isso, lábios genitais grandes – de acordo com Cuvier – eram um sinal de inferioridade racial e depravação moral geral. As teorias raiciais de Cuvier foram muito difundidas e tiveram grande influência sobre o racismo científico. (STRÖMQUIST, 2018, p. 23, destaques da autora)

A sociedade moderna se constituiu em categorias de normalidade e anormalidade, fundamentais para a manutenção do poder disciplinar. Foucault (2010) argumenta que a norma não é um dado natural, mas sim uma construção social que serve para hierarquizar e controlar corpos e comportamentos. As categorias inventadas são, principalmente, determinadas pelas relações de poder-saber, conhecida também por epistemes na fase arqueológica de Foucault.

Foucault usa a palavra episteme para designar o

conjunto básico de regras que governam a produção de discursos numa determinada época; em outras palavras, episteme designa um conjunto de condições, de princípios, de enunciados e regras que regem sua distribuição, que funcionam como condições de possibilidade para que algo seja pensado numa determinada época (FOUCAULT, 2013, p.194)

Ainda a “episteme não é um sistema de conhecimento, mas um conjunto de regras que definem as condições de possibilidade para o conhecimento” (FOUCAULT, 2007, p. 166). Nesse contexto, uma das epistemes mais relevantes da modernidade ao contemporâneo é o saber biomédico. Podemos citar aqui a ginecologia moderna que apresenta as narrativas científicas e as maquinarias de estudo do corpo feminino têm frequentemente relegado as pessoas que

menstruam a uma posição de "outras", enquadrando sua fisiologia como anormal, exótica e digna de constante vigilância e intervenção. Tais colocações evidenciam como a menstruação foi historicamente estigmatizada e medicalizada, contribuindo para a perpetuação de desigualdades de gênero e para a disseminação do racismo científico que se utiliza da utilização da ciência para justificar e perpetuar hierarquias raciais. Na ginecologia moderna, o racismo científico se manifesta de diversas formas, desde a medicalização excessiva de corpos racializados até a produção de conhecimento que negligencia as experiências e necessidades específicas dessas comunidades.

As pessoas que menstruam são frequentemente posicionadas como anormais, desviando-se do padrão branco-hetero-masculino considerado como normativo. O imaginário feminino monstruoso e biomédico busca a homogeneização dos corpos e inventam categorias normalizantes que incluem ou excluem corpos. Ao tentar homogeneizar a experiência menstrual o saber biomédico marginaliza e patologiza aqueles cujos corpos não se encaixam no padrão normativo e classifica algumas subjetividades femininas como desviantes da norma menstrual, posicionando certas subjetividades menstruais como ideais, normais e saudáveis, em detrimento de outras consideradas repugnantes, anormais e patológicas. As desviantes, são bestializadas e tidas como anormais.

No caso das narrativas da tensão pré-menstrual, as mulheres são apresentadas como bruxas, rainhas más e outros seres indesejáveis (PERSDOTTER, 2020). Os sistemas sociais dominantes estratificam a vida, posicionando algumas sexualidades, subjetividades e corpos como os anormais, indesejados em relação aos normais.

Os ideais impossíveis da menstruação são impostos, por exemplo, pelos discursos de que o ciclo menstrual tem duração de cerca de 28 dias normalmente, com período menstrual de quatro dias, ovulação no 14º dia do ciclo e desconfortos leves, antes de iniciar o período menstrual, são considerados saudáveis. Contudo, estes discursos são confrontados por normatividades contraditórias. Se, por um lado, a menstruação é natural e normal, a etiqueta social exige que as pessoas que menstruam escondam a menstruação. Ela é saudável, mas necessita de muitos cuidados com a promessa de restabelecer o bem-estar, o conforto, o frescor e o bom odor, pois, ainda que menstruar seja natural e saudável, é preciso fazer o possível para esconder a menstruação. Afinal, é natural e saudável ser uma pessoa que menstrua, desde que feminina, e que faça todo o possível para se passar por uma pessoa que não menstrua (PERSDOTTER, 2020).

Assim, a mulher, no período pré-menstrual, é vista como a desviante, um ser monstruoso classificado como doente, deficiente e louco. A tensão, os jeitos de expressar as emoções e o

comportamento no período pré-menstrual são classificados como histeria, que necessita de controle, medicação, restrição, isolamento e disciplinamento. O sujeito monstruoso pré-menstrual é a incorporação dos discursos hegemônicos da mulher louca, descontrolada e histérica (PERSDOTTER, 2020).

Em outro trecho da obra, a autora apresenta outra mostra menstrual que desafia as *menstrunormatividades*: o homem que menstrua. Na ilustração, STRÖMQUIST (2018) apresenta a imagem da escultura *O Pensador*, de Auguste Rodin, e a ilustração de um homem de patins, fazendo uma coreografia de patinação, em que uma das pernas está erguida, mostrando sua roupa manchada de vermelho entre as pernas, fazendo alusão à menstruação, mostrando um homem que menstrua com a seguinte narração:

E se não vivêssemos em uma sociedade binária de dois gêneros, talvez a menstruação e a TPM não precisassem ser associadas a um determinado gênero, e então, “O Pensador” talvez PUDESSE ser assim e AINDA ser interpretado como um retrato da melancolia da TPM. E daria na mesma se seu desenhasse a primeira página do segmento assim: patins de homem. Ou de uma maneira totalmente diferente!!! Que meu condicionamento às normas não me permite inventar!!! (STRÖMQUIST, 2018, p. 122, destaques da autora)

Um dos monstros menstruais mais abjetos, indesejáveis e invizibilizados é a mostra menstrual que se identifica como mulher, mas nunca menstruou e não menstruará; ou aquele monstro que menstrua mas não se identifica como mulher cisgênero e não performa feminilidade. A interseccionalidade não faz parte das *menstrunormatividades*, que não incluem as mulheres e homens trans. Ou seja, as *menstrunormatividades* são cisgênero (PERSDOTTER, 2020).

As autoras Rowena B.D. Kosher, Lauren C. Houghton e Inga T. Winkler (2023), em uma pesquisa netnográfica, analisaram como pessoas trans se sentiam em relação aos produtos de higiene e cuidados da menstruação, por não se sentirem representados nos discursos midiáticos e nos produtos oferecidos para os cuidados com o ciclo menstrual, pensados para a partir das premissas da feminilidade, com cores, ilustrações e formatos para a mulher cisgênero.

A Monstra Selvagem

A obra *Loba*, de Roberta Malta (2023), ilustrada por Paula Schavon, trata-se de uma narrativa alegórica da menstruação, parcialmente textual, parcialmente ilustrada, inspirada no clássico conto-de-fadas *Chapeuzinho Vermelho* (Wilhelm Karl GRIMM; Jakob Ludwig Karl GRIMM,

2018). A narrativa é escrita em primeira pessoa, pela menina protagonista da história, apresentada como branca, ruiva, com vestido e sapatos brancos. A menina está sentada na porta de casa, olhando a paisagem, acompanhada por um gato preto, com expressão de entediada. “Às vezes, minha casa parece tão pequena” (Roberta MALTA, 2023, p. 6). Sua mãe se aproxima, calçando tênis vermelhos, com uma cesta nas mãos e solicita que a menina busque flores na floresta, pois sua avó virá visitá-las e recomenda cuidado.

A menina explora a floresta, ilustrada em tons pálidos e frios: branco, cinza e violeta. Então, a menina encontra uma enorme árvore com pequenas flores vermelhas nos galhos mais altos, que contrastam com o restante da ilustração. A protagonista sobe na árvore, para colher as flores e, do alto, avista um vilarejo ao longe, ilustrado em cores mais quentes e vibrantes. “Até onde vai o caminho?” (MALTA, 2023, p. 27), pergunta-se a menina de olhos fechados.

Ao descer da árvore com algumas flores vermelhas na mão, seu vestido branco este manchado de vermelho e ela avista a sombra e as patas de uma loba. A loba uiva e encara a menina em uma bela ilustração, em que o vestido, agora todo avermelhado, está refletido nos olhos da loba. Loba e menina se encaram de longe. A menina vai aos poucos se aproximando da loba e oferece sua mão a ela. Em seguida, na ilustração, são mostradas diferentes posições da menina deitada sobre a loba em uma expressão de descanso, com seu vestido cada vez mais colorido de vermelho, até ficar completamente preenchido desta cor.

Na ilustração seguinte, ela se vê sozinha, deitada em um chão cinzento, que contrasta com seu vestido e com as flores, “a estrada também é casa. E não vamos por elas sozinhas” (MALTA, 2023, p. 51-53). Em seguida, a menina está chegando na casa da avó de braços abertos, sua avó é ilustrada com um xale vermelho, cabelos brancos presos em coque, enfeitado com pequenas flores vermelhas. A avó é representada de costas e a ilustração mostra a parte interna da casa, com fotografias que parecem ser da avó, a imagem do rosto da mãe refletido em um espelho, uma boneca russa, adornos de animais, um quadro com as ilustrações das fases lunares e uma capa vermelha suspensa em um cabide. Na ilustração final, a menina e avó estão abraçadas, em vibrantes tons de vermelho colorindo suas vestes e a flor colhida na floresta.

A narrativa de *Loba*, encontra-se nos discursos *menstrunormativos* do ativismo menstrual (Chris BOBEL, 2020) e do movimento latinoamericano da Ginecologia Natural (Núria Calafell SALA, 2020), de resgate do valor da menstruação como dimensão política, social e espiritual, que propõe pensar a “essência feminina selvagem” por meio da valorização de narrativas e práticas ancestrais de enaltecimento das mulheres e do ciclo menstrual. O culto à Deusa Tríplice (Erich NEUMANN, 2000; Erich NEUMANN, 2021), divindade cultuada em diferentes tradições, em suas manifestações de menina, mãe e anciã, é ressignificado com o objetivo de

restabelecer a conexão da mulher com as divindades femininas de diferentes culturas, que representavam os corpos femininos com características dos ciclos da natureza, como as fases da lua. As manifestações da Deusa Tríplice também são utilizadas pelos discursos psicanalíticos da linha *junguiana*, que percebe estas divindades como arquétipos do eterno feminino (NEUMANN, 2021). Uma das obras que fundamenta esta visão é *Mulheres que Correm com Lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, de Clarissa Pinkola Estés (2006), muito utilizado nos círculos femininos e nas práticas da Ginecologia Natural.

O título *Loba* faz alusão também ao livro de Estés (2006), deste encontro da menina com a mulher selvagem, representada pela loba. Neste caso, a menina não corre com a loba, mas se deita em seu colo, no chão da floresta, o que parece ser suas primeiras experiências com a menstruação. Seu encontro com a vó, também vestida de vermelho, parece fechar o ciclo das manifestações da Deusa: menina, mãe, avó, em um encontro com esta sabedoria ancestral perpetrada pelos discursos da Ginecologia Natural e do ativismo menstrual.

Os contos de fadas foram utilizados por muitos séculos como recurso pedagógico para a educação das meninas, tanto pela oralidade, quanto pelo formato de literatura impressa (COLOMER, 2003). Por se tratar de um tema repleto de tabus, a menstruação foi retratada de forma indireta e metafórica na tradição oral destas narrativas. Delaney, Lupton, Toth (1988) interpretam a estrutura dos contos de diferentes culturas como representações do ciclo menstrual, em que jovens inocentes são impelidas a deixarem seus lares, vivenciando perigos e desventuras ajudadas por seres encantados e fadas madrinhas, enfrentando bruxas, madrastas más, dragões, aprisionamento e castigos até serem salvas por príncipes encantados e heróis, em um ciclo de inocência, ferimento, dor, sangue, morte e despertar para o casamento e a maternidade. As três faces da Deusa Tríplice também estariam representadas nestes contos: jovem, mãe e anciã (DELANEY; LUPTON; TOTH, 1988). A mãe representa a infância deixada para trás pela jovem púbere, que irá se encontrar com seus aspectos sombrios após menstruar. *Chapeuzinho Vermelho* recebe uma capa vermelha de sua mãe, costurada por sua avó, representando a ancestralidade e as memórias menstruais passadas pelas gerações de mulheres de uma família. Ao sair da casa de sua mãe, ingressa na puberdade ao levar doces para a sua avó (DELANEY; LUPTON; TOTH, 1988). Em *Chapeuzinho Vermelho*, a menina se desvia do caminho da floresta e é surpreendida por um lobo mau, que a persuade a revelar para onde está indo. *Chapeuzinho Vermelho* encontra seus aspectos selvagens ao menstruar. Em *Loba*, o encontro entre a menina e a loba na floresta, mostra que é natural -mas também selvagem – menstruar.

Para o discursivo da Ginecologia Natural, a menstruação é considerada um contraponto à feminilidade imposta, ao corpo dócil e controlável pela biomedicina. Assim, é criada uma outra ordem do discurso, que postula normativas aos modos como as pessoas devem vivenciar e gerenciar a menstruação. Pessoas que menstruam são consideradas saudáveis, politicamente ativas, conscientes da sua conexão com a natureza, desde que se permitam viver sua “essência feminina selvagem”. Tal ordem do discurso da menstruação cria novos monstros menstruais: as pessoas que menstruam e desejam ou precisam suprimir a menstruação por meio dos hormônios, que sofrem de depressão cíclica, sentem desconforto, ou não gostam e não desejam menstruar.

A Monstra que não morre

A mulher reclusa, anulada ou morta no período do sangramento menstrual também é apresentada na história em quadrinhos *A Origem do Mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva versus o patriarcado*, (STRÖMQUIST, 2018). Se a mulher no período pré-menstrual é comumente apresentada como bruxa, feiticeira, madrasta, rainha má, a mulher no período do sangramento menstrual é comumente apresentada como reclusa, isolada, doente, adormecida e morta. Muitos mitos e contos atribuídos como narrativas do ciclo menstrual feminino, como morte e renascimento, são associados aos ciclos menstruais, como o mito grego de Perséfone e Hades, - da mitologia grega em que a deusa é sequestrada por Hades e ao comer uma romã oferecida a ela, passa a morar no submundo como deusa da escuridão. Uma vez ao ano, ela retorna ao mundo terrestre, trazendo consigo a primavera, quando reencontra sua mãe Deméter (DELANEY, LUPTON, TOTH, 1988). Strömquist (2018), apresenta a mulher menstruada morta pelo conto *A Bela Adormecida*:

A Bela Adormecida pensa: - Estou no meio de um processo mental. Estou temporariamente em contato com uma destas doideiras hippies. Preciso ficar mergulhada nesse banho profundo de sangue e pensar na morte por uns cem anos. Bela Adormecida!!! Sangrando e ainda quente, a borda vermelho-escura da cerca viva de roseiras circunda sua época ginásial de silêncio sepulcral, onde brotam rostos tímidos, feito de flores rubras. Durma bem!! Fique tranquila!! Não se preocupe! (STRÖMQUIST, 2018, p. 137-139, destaques da autora)

Um dos principais contos vistos como a representação da menstruação é *A Bela Adormecida*, em que a princesa machuca seu dedo uma roca de fiar, provocando um sangramento que desperta uma maldição rogada sobre ela por uma feiticeira má e invejosa: a menina ficaria

inerte em um sono de morte para sempre e apenas um beijo de amor poderia despertá-la, como mostra Maria Tatar (2015). Além da menstruação, para a autora este conto representaria a reclusão imposta às meninas após a menarca por muitas culturas. A princesa adormecida por uma maldição é presa em uma torre representaria a reclusão que muitas meninas passam após a menarca, como em etnias da África, Ásia, Índia e nas ilhas do Pacífico Sul. Nestas culturas elas são comumente separadas de suas comunidades após a primeira menstruação por dias, semanas ou meses, ficando vulneráveis ao clima, sujeitas a adoecerem, sofrerem violência ou ataques de animais selvagens. Durante a reclusão, são visitadas e alimentadas por mulheres mais velhas da sua etnia, o encontro com as feiticeiras e anciãs.

O encontro final com o príncipe encantado também faz parte do imaginário menstrual segundo as autoras Delaney, Lupton, Toth (1988). Se as heroínas estão atravessando metaforicamente a puberdade e a menarca, a primeira menstruação é representada também como o sinal de que a menina estaria pronta para casar, pois ela é despertada pelo príncipe encantado, sugerindo o casamento no final de muitos destes contos.

O que mais chama a atenção talvez seja aquela coisa do coma sensual e sua tradicional continuação – ou seja, um cara fica numa pegação com uma moça em coma sensual. Por que esta temática de Julian Assange é tão popular e amada na nossa cultura? Tão popular e amada que a mantivemos viva por centenas de gerações através da tradição oral??? (STRÖMQUIST, 2018, p. 137-139, destaques da autora)

Segundo Maria Tatar (2015), a primeira versão deste conto foi compilada por Giambattista Basile. Nesta versão, a princesa adormecida abandonada em um castelo é encontrada por um rei que a violenta sexualmente. Posteriormente, nas versões dos irmãos Grimm, a história foi alterada, e a princesa passou a ser salva. Para Márcia Tiburi (2010) as narrativas da mulher adormecida e morta fazem parte da tradição literária do século XIX, quando os discursos da mulher histérica passaram a permear as obras literárias. Depois de ficar má, louca e histérica, o destino para as mulheres, nestas narrativas, era a morte. A menstruação, muitas vezes associada a tabus e estigmas, é frequentemente retratada na literatura e nas artes como um momento de fraqueza e impureza feminina. Ao vincular menstruação e morte, essas narrativas reforçam a ideia de que a feminilidade é inerentemente ligada à degradação e à perda, alimentando assim o fetiche patriarcal da mulher morta.

A análise de Tiburi sobre a personagem Ofélia, de Shakespeare, encontra similaridades com a Bela Adormecida de Strömquist, pois ambas as personagens são vistas pelas lentes da idealização feminina e da lógica patriarcal. Ofélia se afoga em sua própria melancolia, enquanto Bela Adormecida se submete ao “banho de sangue”, bem como as obras denunciam a opressão da mulher e a necessidade de romper com os estereótipos que a aprisionam. Ao analisarmos contos como o da Bela Adormecida à luz do fetiche patriarcal da mulher morta, podemos entender melhor como as narrativas culturais moldam e perpetuam normas de gênero prejudiciais, e assim trabalhar para desafiar e subverter essas representações de poder

Considerações Finais

Este estudo analisou a criação discursiva de monstras menstruais na literatura infantojuvenil, evidenciando como a *menstrunormatividade* opera na construção de subjetividades. Foi utilizada análise de discurso de inspiração Foucaultiana para examinar três obras de literatura infanto-juvenil publicadas entre 2016 a 2023 no mercado editorial brasileiro, que apresentam o tema da menstruação em seu enredo. Sendo elas: *Meninas* (PINTO, 2016), *A Origem do Mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva versus o patriarcado* (STRÖMQUIST, 2018) e *Loba* (MALTA, 2023). A partir dessa análise encontramos quatro pontos que consideramos constituidores de *menstrunormatividades* e se desdobraram em seções deste estudo.

A Monstra que vira Mocinha que se vale do discurso da menstruação como marca do tornar-se mulher onde exploramos um conjunto de normatividades menstruais, produzem subjetividades ideais impossíveis para muitas pessoas que menstruam: a menstruação definidora do ser mulher e tornar-se mulher. A associação entre menstruação e feminilidade tem sido historicamente utilizada para impor normas e expectativas prejudiciais às meninas. A obra *Meninas* (PINTO, 2016) também aborda a resistência feminina contra as normas patriarcais, exemplificada pela confrontação da menina menstruada com a Rainha de Copas, uma figura que personifica os estereótipos de gênero impostos pela sociedade. Essa luta contra a opressão é comparada às narrativas históricas da bruxa, associadas à desobediência feminina e à violência perpetrada contra mulheres que desafiavam as normas dominantes.

O Médico e a Monstra apresentam as *menstrunormatividades* biomédicas, exploradas por Strömquist (2018) e apresentam uma história de marginalização e desumanização das mulheres, exemplificada na figura de Saartjie Baartman, cujo corpo foi objetificado e explorado sob o pretexto de estudos científicos. Esta abordagem médica e científica da menstruação reforça

estereótipos de inferioridade racial e de gênero, perpetuando a ideia de que certos corpos e experiências são anormais ou desviantes. A análise crítica dessas narrativas revela não apenas a construção social da normalidade, mas também as formas como o poder opera para controlar e hierarquizar os corpos e comportamentos.

A Monstra Selvagem argumenta a partir da obra *Loba* de Roberta Malta (2023) uma narrativa alegórica da menstruação inspirada no conto de fadas clássico *Chapeuzinho Vermelho*. Por meio da jornada da protagonista, que se depara com uma loba na floresta, a narrativa reflete os discursos *menstrunormativos* do ativismo menstrual e do movimento latino-americano da Ginecologia Natural. Essa abordagem também evidencia como os contos de fadas, ao longo dos séculos, utilizaram metáforas para representar a menstruação e explorar os aspectos considerados selvagens da feminilidade.

A Monstra que não Morre faz a análise das representações da mulher no período menstrual, como retratado na história em quadrinhos *A Origem do Mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva versus o patriarcado* de Strömquist (2018), revela um padrão de reclusão e anulação associado a esse período. Através de contos como *A Bela Adormecida*, vemos a mulher menstruada sendo retratada como adormecida, isolada e até mesmo morta, reforçando estereótipos patriarcais sobre fraqueza e impureza feminina. Essas narrativas também são identificadas em obras literárias como a personagem Ofélia de Shakespeare, destacando a persistência do fetiche patriarcal da mulher morta na cultura na análise feita por Marcia Tiburi (2010).

Por fim, a estigmatização e marginalização são consequências da insurgência aos sistemas normativos da menstruação e a pessoa que menstruada não tem escolha, pois irá ser um monstro menstrual para uma das narrativas em luta pelos sentidos da menstruação. As monstras menstruais menstruam e não menstruam. Sangram muito ou pouco, cedo, ou tarde; com demasiada dor, ou com pouca dor; se sentem muito orgulhosas ou muito envergonhada dos seus ciclos. As *menstrunormatividades* não são apenas inatingíveis, são inexistentes, pois a pessoa que menstrua sempre estará à margem de uma das ordens dos discursos da menstruação ideal. Assim a monstra menstrual não é um singular, mas uma multidão de subjetividades desviantes. As pessoas que menstruam são monstras menstruais.

Referências

BOBEL, Chris *et al.* *New Blood: third-wave feminism and the politics of menstruation*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2020. 272 p.

BUCKLEY, Thomas; GOTLIEB, Alma. *Blood Magic: The Anthropology of Menstruation*. California: University of California Press, 1988. 342 p.

CARROL, Lewis. *Alice*: edição comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. 303 p.

COLOMER, Teresa. *A Formação do Leitor Literário*. São Paulo: Global, 2003.

CORDOVIL, Daniela. O Poder Feminino nas Práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 352, p. 419-431, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/JCjGDfx7mzzQVF366rdhFVG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2023.

DELANEY, Janice. LUPTON, Mary Jane. TOTH, Emily. *The Curse: a cultural history of menstruation*. University of Illinois: Press, 1988. 352 p.

DONALD, James. Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiro? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos Monstros*. Os prazeres da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 105-140.

GOTTLIEB, Alma. Menstrual Taboos: Moving Beyond the Curse. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020.142-162. Disponível em: Acesso em: 28 set. 2023.

GRIMM, Wilhelm Karl. GRIMM, Jakob Ludwig Karl. *Os 77 Melhores Contos de Grimm: volume 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2019a.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e Caça às Bruxas: da Idade Média aos dias atuais*. São Paulo:Boitempo, 2019b.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

KOSHER, Rowena B.D. HOUGHTON, Lauren C. WILKER, Inga T. MANstruation: A cyberethnography of linguistic strategies of trans and nonbinary menstruators. *Social Science & Medicine*, 328, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953623003313?via%3Dihub> Acesso em: 28 set. 2023.

KING, Sally. Premenstrual Syndrome (PMS) and the Myth of the Irrational Female. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020. P. 201-214. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-15-0614-7_23 Acesso em: 28 set. 2023.

LLOYD, Moya. *Butler and Ethics*. Scotland: EDINBURGH University Press, 2016.

MALTA, Roberta. *Loba*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2023. 56 p.

MENEGOTTO, Januária Monteiro. *Experiências Menstruais de Meninas Adolescentes da Periferia de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS, 2022.

NEUMANN, Erich. *O Medo do Feminino: outros ensaios sobre psicologia feminina*. São Paulo: Paulus, 2000.

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2021.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2009.

PERSDOTTER, Josefin. Introducing Menstrunormativity: Toward a Complex Understanding of ‘Menstrual Monsterings’. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020. P. 357-373. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33347180/> Acesso em: 28 set. 2023.

PINTO, Ziraldo Alves. *Meninas*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2016. 46 p.

PIRAN, Niva. The Menarche Journey: Embodied Connections and Disconnections. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020. P. 201-214. Disponível em: <https://ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565657/> Acesso em: 28 set. 2023.

SALA, Núria Calafell. Menstruación decolonial, *Revista de Estudos Feministas*, v. 28 (1), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/sgNRqkppRgWjfv56ywQYxpp/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 28 set. 2023.

SAWO, Musu Bakoto. Personal Narrative: Let Girls Be Girls—My Journey into Forced Womanhood. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020, p. 395-407. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-15-0614-7_9 Acesso em: 28 set. 2023.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel da. Silveira, Bruna Rocha. A Doença na Literatura Infanto-Juvenil – análise de quatro obras contemporâneas. *Via Atlântica*, São Paulo, v.1 n. 29, 2016 p. 389-406. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/108001/118198>. Acesso em: 28 set. 2023.

SOARES, Rosângela. Adolescência: monstruosidade cultural? *Educação e Realidade*. 25(2), 2000, p. 151-159.

STEVENSON, Robert Louis. *O Médico e Monstro: O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*. Via Leitura, 2017. 96 p.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein: o Prometeu Moderno*. São Paulo: Excelsior, 2019. 320 p.

STRÖMQUIST, Liv. *A Origem do Mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica
SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos Monstros*. Os prazeres da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 12-20.

TATAR, Maria. *Show and Tell: Sleeping Beauty as Verbal Icon and Seductive Story*. Wayne State University Press. v. 28, n. 1, p. 142-158, 2014.

TIBURI, Márcia. Ofélia Morta – do discurso à imagem. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 18(2), 2010, p. 301-318. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/FLkMKc8z7wqcBCKSyHcBrdw/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 27 set. 2023.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. *Revista de Estudos Feministas* 13 (2), 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/HqZwyqV5PwdyYL5Pz5bnLBG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2023.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS

Autora 1 – Coordenadora do projeto, coleta e análise dos dados e escrita do texto.

Autor 2 – Participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

Autora 3 – Participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

Autora 4 – Participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.